# Patife, preguiçoso, arrogante, mas sedutor

*Goida**

Tenho dois gatos. Um macho e uma fêmea. Ambos castrados. Chegaram assim lá em casa. Ela veio da residência da minha filha, que mora ao lado. Ele nos adotou quando sua primeira dona morreu. Apesar de castrados, eles dão mostras explícitas de sua sexualidade. O gato vive se esfregando nas pernas da minha mulher. Quando ela senta para ver TV, ele dá um jeito de colocar sua cabeça junto aos seios dela. A gata, quando me vê deitado lendo, vem para minha barriga. Fica me observando com aqueles olhões verdes, cheios de ternura, e às vezes ronrona, feliz, quase como dizendo "olha como sou linda".

É impossível não gostar de gatos. Eles são completamente diferentes dos cachorros. Gosto destes também, só que após alguns segundos eles já estão deitados aos nossos pés. E deixam que a gente coce a barriga deles. Os gatos devem ser conquistados. Olham a gente de longe. Resistem aos chamados e aos "pchiu, pchiu". O processo de conquista é lento. Às vezes, leva quase um mês. Ou mais. As manifestações de paixão são discretas. Nem o rabo eles balançam. Mas acabam nos encantando com a sua discreta companhia.

Talvez por causa disso os gatos nunca foram muito populares na mídia. Por exemplo, Walt Disney, que gostava de ratos – e patos – nunca foi muito simpático a eles. Os gatos eram vistos como animais de estimação das bruxas, madrastas cruéis e rainhas más. Raramente aparecia um bichano simpático, como o gatinho de Gepeto (o pai do Pinóquio). Só em 1968, bem depois da morte de Disney, eles ganharam um desenho laudatório, *Aristogatas*.

---

* Hiron Goidanich, jornalista, pesquisador e autor da *Enciclopédia dos quadrinhos* (L&PM, 1990).